

Brasil modifica diálogo com credores

■ País não pretende pagar mais do que foi acertado na proposta de renegociação

MAURÍCIO CARDOSO

HAMBURGO, ALEMANHA — O Brasil não pretende colocar mais dinheiro, além dos US\$ 1,6 bilhão já comprometidos na proposta de renegociação da dívida com os bancos credores, para completar os US\$ 3,2 bilhões de garantias previstos. "Não temos necessidade de antecipar o que vamos fazer", diz o embaixador Pedro Malan, negociador chefe da dívida brasileira. "No momento vale o que está previsto no plano de negociações com os bancos."

No acordo com os bancos está previsto o pagamento de US\$ 3,2 bilhões em garantias. O Brasil se responsabiliza por US\$ 1,6 bilhão e o restante US\$ 1,6 bilhão virão de empréstimos junto ao Banco Mundial (Bird), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Fundo Monetário Internacional e os próprios bancos credores. Estes empréstimos, no entanto, estão condicionados a um acordo prévio com o FMI.

Banqueiros presentes à assembléia do BID, em Hamburgo, co-

mentaram a possibilidade de o Brasil vir a antecipar a parcela correspondente às instituições internacionais no caso de fracassarem as negociações com o FMI. Ontem, porém, a ministra do Planejamento, Yeda Crusius, disse que espera fechar um acordo com o FMI até agosto.

Ontem o negociador da dívida, Pedro Malan, esteve reunido com o Comitê Assessor de Bancos, integrado pelo Citibank, Morgan e Lloyd Bank para analisar a questão da distribuição de opções dos bancos credores. Ao fazerem suas propostas sobre os tipos de bônus que preferiam para substituir os títulos antigos da dívida, os bancos credores concentraram 63,10% de suas preferências nos bônus ao par e apenas 18,35% nos bônus com desconto, enquanto 18,52% foram distribuídos entre outras quatro opções. Como o Brasil considerou insatisfatória a distribuição de bônus, os bancos têm agora até o dia 7 para apresentar uma nova proposta.



Yeda: acordo com FMI até agosto

Yeda enfatiza mudança

A ministra do planejamento, Yeda Crusius, aproveitará o discurso que fará na assembléia do Banco Interamericano de Desenvolvimento para falar das boas intenções do governo Itamar e tentar assim retocar a imagem do Brasil no exterior, seriamente afetada por uma das taxas de inflação mais altas do mundo (perde apenas para Rússia e Zaire). Em seu discurso, a ministra vai

dizer que o governo brasileiro continua empenhado em alcançar a estabilidade e comprometido com as reformas estruturais da economia.

Yeda garantiu que espera ver o acordo com o FMI concluído até agosto. Segunda a ministra, uma missão do governo está levantando os dados sobre a economia brasileira para levá-los em abril a Washington.